

A automedicação e seus riscos diante de medicamentos sem comprovação científica em tempos de covid-19

Self-medication and its risks in the face of drugs without scientific proof in times of covid-19

Recebido: 23/06/2022 | Aceito: 14/11/2022 | Publicado: 26/04/2023

Cecília Bezerra da Silva Santana¹

 <https://orcid.org/0000-0002-1370-3034>

 <http://lattes.cnpq.br/2398214246269572>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

E-mail: ceciliasantana94@hotmail.com

Conceição Carvalho de Oliveira²

 <https://orcid.org/0000-0003-4993-7083>

 <http://lattes.cnpq.br/6521541906762123>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

E-mail: ceicaunica@gmail.com

Maria Salete Vaceli Quintilio³

 <https://orcid.org/0000-0002-2341-464X>

 <http://lattes.cnpq.br/3111687402804830>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

E-mail: aletevaceli@senaaires.com.br

Resumo

Os medicamentos desempenham um papel importante nos sistemas de saúde, pois tem o potencial de salvar vidas e melhorar a saúde, no entanto, seu uso indiscriminado pode acarretar problemas de saúde. A pandemia COVID-19 favoreceu um clima de medo, incerteza e, acima de tudo, desespero pelo desconhecimento da extensão da infecção pelo novo vírus. Este é um estudo de Revisão de Literatura, executado a partir de bases de dados digitais gratuitas e norteado pelo objetivo de identificar os riscos da automedicação concomitante à pandemia do COVID-19 e entender a atuação do profissional farmacêutico neste cenário pandêmico. O estudo mostrou que os problemas potenciais relacionados à demanda e promoção comercial de medicamentos em tempos pandêmicos devem ser encarados com ética e profissionalismo. A pandemia teve um grande impacto no dia a dia da população mundial e a busca de medicação preventiva teve crescimento em todo o mundo. O farmacêutico deve assumir papel preponderante na orientação dos consumidores quanto aos riscos e perigos da automedicação, que deve ser racional e consciente, o que se constitui num dos grandes desafios no recente cenário pandêmico.

Palavras-chave: Automedicação. Pandemia. Covid-19. Assistência Farmacêutica.

¹ Graduação em andamento em Farmacia pela Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

² Graduação em andamento em Farmacia pela Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

³ Possui graduação Física, Licenciatura e Bacharelado, pela Universidade Estadual de Londrina (1989), mestrado em Ciências, área de concentração Astronomia, pela Universidade de São Paulo (1992) e doutorado em Ciências, área de concentração Astronomia, pela Universidade de São Paulo (1998). Tem formação complementar em EaD. Tem experiência no Magistério Superior em cursos de Licenciatura e de Fonoaudiologia. Atua também em Educação a Distância através de disciplinas híbridas utilizando a plataforma Moodle e cursos de aperfeiçoamento. Pesquisadora e orientadora, com ênfase em Ensino de Física, Ruído e Astronomia.

Abstract

Medicines play an important role in healthcare systems as they have the potential to save lives and improve health, however their indiscriminate use can lead to health problems. The COVID-19 pandemic favored a climate of fear, uncertainty and, above all, despair due to the lack of knowledge of the extent of infection by the new virus. This is a Literature Review study, carried out from free digital databases and guided by the objective of identifying the risks of self-medication concomitant with the COVID-19 pandemic and understanding the role of the pharmaceutical professional in this pandemic scenario. The study showed that the potential problems related to the demand and commercial promotion of medicines in pandemic times must be faced with ethics and professionalism. The pandemic has had a major impact on the daily lives of the world's population and the search for preventive medication has grown worldwide. The pharmacist must assume a leading role in guiding consumers about the risks and dangers of self-medication, which must be rational and conscious, which is one of the great challenges in the recent pandemic scenario.

Keywords: *Self-medication. Pandemic. Covid-19. Pharmaceutical care.*

Introdução

A nova epidemia do coronavírus (SARS-CoV-2) que atingiu o mundo no final de 2019 mudou a estrutura política e a geográfica em vários países. Em 3 de novembro de 2020, o COVID-19 levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a classificar a doença como uma pandemia, levando a uma grande corrida para estabelecer tratamentos e métodos de diagnóstico mais eficazes e rápidos.¹

A infecção com o novo vírus corona gerou emergências de saúde em quase todos os países do mundo. Desde então o assunto mais discutido foi o surto de COVID-19 e a melhor forma de prevenir essa doença que assusta a todos. Assim, três aspectos têm sido fundamentais no combate à infecção por este vírus, a saber: identificar os principais sintomas da nova doença, qualificar a eficácia dos cuidados preventivos em saúde pública e, por fim, uma vez que a infecção é confirmada por métodos laboratoriais, qual o melhor o tratamento.²

A doença tem tido um grande impacto na vida diária dos cidadãos. A COVID-19 prejudicou seriamente a saúde e a situação econômica em todos os países do mundo. Não tem sido fácil desenvolver estratégias para conter a propagação da pandemia. Diagnóstico rápido, transporte seguro e eficiente e isolamento social são alguns dos principais desafios enfrentados pelos governos.³

O diagnóstico de SARS-CoV-2 pode ser feito por meio de morfologia microscópica. O padrão ouro atual é a reação em cadeia da polimerase (PCR) em tempo real usando zaragatoas nasais nucleoparativas, amostras da garganta ou outras amostras respiratórias, geralmente por sequenciamento. Aos poucos, a melhor forma de tratamento foi discutida com base em inúmeros casos existentes e também por meio do intercâmbio de especialistas que estiveram envolvidos em tratamentos em diferentes situações.⁴

O medo do desconhecido e a facilidade da propagação de soluções momentâneas de medicamentos preventivos e curativos (mesmo sem comprovação científica), pela mídia, diante dessa realidade, tem contribuído para a proliferação da automedicação no Brasil. A automedicação é aumentada drasticamente, em tempos pandêmicos, tanto pela dificuldade de conseguir uma consulta médica em tempo hábil, quanto por acreditar-se na prevenção da doença através de métodos “caseiros”. Geralmente as pessoas que tomam medicamentos sem prescrição, isto

é, se automedicam, já tiveram sintomas semelhantes ou foram orientadas por familiares, amigos e até farmacêuticos, a seguir determinado tratamento ou tomar determinada droga, principalmente neste tempo de pandemia.⁴

A automedicação não está claramente definida no mundo globalizado e pode ser amplamente descrita como aquelas ações realizadas com o objetivo de escolher e decidir sobre medicamentos de venda livre.^{5,6}

Existe um consenso que o termo "automedicação" está associado a uma iniciativa individual ou dos pais e/ou responsáveis para obter ou usar um medicamento que poderia ser útil no tratamento de uma doença ou no alívio de seus sintomas sem a orientação de um prescritor, médico ou outro profissional credenciado. As práticas de automedicação acontecem muito quando o compartilhamento de medicamentos é feito também com familiares, vizinhos ou amigos e, às vezes, devido às sobras de medicamentos de outras receitas.^{7,8}

Os medicamentos desempenham um papel importante nos sistemas de saúde, pois tem o potencial de salvar vidas e melhorar a saúde, no entanto, seu uso indiscriminado pode acarretar problemas de saúde cuja origem está ligada ao uso inadequado de drogas sem prescrição e sem acompanhamento farmacêutico. Os fatores mais comumente citados como contribuintes para esse problema são as pressões sociais a que estão expostos os prescritores, a estrutura do sistema de saúde e a comercialização dos medicamentos de forma livre.⁹

Assim, a automedicação vem sendo considerada um dos principais problemas de saúde pública devido aos inúmeros fatores de risco presentes nessa prática que podem afetar a saúde do indivíduo, desde um diagnóstico errôneo baseado em semelhança de sintomas feito por leigos, até o uso de medicamentos potencialmente perigosos e sem necessidade ou ainda, em dosagens erradas. Nesse contexto, crianças, visto sua relação de dependência dos cuidadores, e idosos, requerem atenção especial.⁹

Por conseguinte, a comunidade científica reconhece que o tratamento certo, quando necessário, também reduz a incidência de problemas de saúde, entretanto, o uso abusivo desses mesmos medicamentos pode causar problemas graves à saúde, inclusive gerando óbitos.¹⁰

Vários estudos publicados em revistas científicas internacionais desde a pandemia relatam que hipertensão e diabetes são as comorbidades mais comuns em pacientes com COVID-19, que são frequentemente tratados com inibidores da enzima de conversão da angiotensina (IECA). Além disso, o tratamento com anticoagulantes pode reduzir a cascata de trombo inflamatório associada ao COVID-19. Isto torna a automedicação potencialmente perigosa para tais pacientes com diagnóstico de COVID-19, evidenciando a importância de discutir o uso de medicamento auto prescritos e sem eficácia comprovada e estudos de interações medicamentosas.^{9,10}

Diante desse contexto, os objetivos desse estudo são: identificar os riscos da automedicação concomitante à pandemia do COVID-19 e entender a atuação do profissional farmacêutico neste cenário pandêmico.

Assim, tratando-se de uma pesquisa do tipo Revisão de Literatura, a questão norteadora segue os objetivos declarados acima.

A Revisão literária foi elaborada através da busca e seleção de obras e artigos científicos em bases de dados informatizadas gratuitas, sendo elas: Literatura latino-americana em Ciências de Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os critérios de inclusão para seleção no estudo estão associados à identificação nas publicações

dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCs): automedicação, pandemia, COVID-19 e atuação farmacêutica.

Os critérios de inclusão foram definidos com base nos objetivos, sendo incluídos apenas artigos recentes com estudos originais, publicados recentemente (entre 2010 a 2022), em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e gratuitamente em meio eletrônico. Os artigos que não atenderam esses critérios foram excluídos do estudo.

Pandemia COVID-19 e a automedicação

Desde a descoberta do novo coronavírus no final de 2019, as autoridades de saúde em todo o mundo vêm estudando as causas e consequências da infecção, assim como as reações da Covid-19 no corpo humano. As mídias sociais e veículos de comunicação têm divulgado indiscriminadamente informações diversas a partir de poucos relatórios médicos e discutido o uso de vitaminas e/ou medicamentos sem comprovação científica que corrobore seu uso para o tratamento e prevenção.¹¹

O Sars-CoV-2, Coronavírus ou COVID-19, é uma síndrome respiratória de espectro viral evidenciada pela primeira vez em dezembro de 2019 em Wuhan, China. A maior parte dos doentes apresenta sintomas leves a moderados, recuperando-se sem tratamento específico. Entretanto, algumas pessoas desenvolvem um quadro grave, necessitando atendimento médico. Por ser ainda um vírus pouco conhecido e com potencial letal, a população busca encontrar uma solução rápida e fácil para a doença, aumentando os riscos com práticas como a automedicação.¹²

A pandemia COVID-19 favoreceu um clima de medo, incerteza e, acima de tudo, desespero pelo desconhecimento da extensão da infecção por esse novo vírus. A doença teve um grande impacto no dia a dia da população mundial. A COVID-19 prejudicou seriamente a saúde e a situação econômica de todos os países do mundo e muitas são as dificuldades em se desenvolver estratégias para conter a propagação da pandemia. Diagnóstico rápido, higienização dos lugares públicos e isolamento social são alguns dos principais desafios enfrentados pelos governos.^{3,4}

Neste cenário, a automedicação é considerada um dos principais problemas de saúde pública que coloca em risco o indivíduo e a coletividade, podendo inclusive mascarar os sintomas, levando ao diagnóstico errôneo da doença.¹⁵

A automedicação é identificada pelo consumo de medicamentos de venda livre, em que o próprio paciente decide qual medicamento tomar. A automedicação é um dos problemas relacionados às drogas que está se tornando mais comum a cada dia, acarretando diversos problemas que podem ser reduzidos ou eliminados por meio da automedicação racional.¹⁶

O uso indiscriminado de medicamentos, seja sem prescrição médica ou por indicação de terceiros, tem o potencial de causar danos à saúde e expor os pacientes a reações adversas, intoxicações e alergias medicamentosas, constituindo-se em causa de morbidade e até mortalidade, muito significativa.⁸

Sabe-se que a venda indiscriminada de ivermectina, nitazoxanida e vitaminas C, D e zinco, que completam o “Kit-Covid”, não minimizam as inúmeras incertezas sobre seus benefícios e potenciais malefícios, tornando imprescindíveis novas pesquisas sobre o tema. Pesquisas sobre o aumento das vendas desses medicamentos mostram uso potencial durante o período mais crítico da pandemia no Brasil. No Brasil inúmeras pessoas, das faixas etárias mais diversas, admitem tomar remédios sem receita.^{16,17}

Embora estudos internacionais mostrem a inefetividade do uso da hidroxicloroquina - junto com a ivermectina e a azitromicina - em pacientes com COVID-19, no Brasil há forte pressão para o uso da droga. Nesse cenário, os farmacêuticos hospitalares têm se mostrado essenciais para sensibilizar as equipes médicas e multiprofissionais para a ineficácia da cloroquina e indicar alternativas mais seguras no tratamento dos pacientes infectados pelo novo coronavírus.^{13,17,31}

O Farmacêutico diante da automedicação em tempos de pandemia

O isolamento social, o uso de máscaras e álcool gel, bem como a lavagem das mãos são as principais medidas de combate à COVID-19, já que os infectados, em sua maioria, apresentam-se principalmente de forma assintomática. No entanto, a ideia de existir um vírus pouco conhecido associado a um grande número de mortes e internações desperta na população a sensação de angústia e medo, levando-a a buscar soluções rápidas e fáceis para a cura da doença, bem como aumentar a prática da automedicação excessiva.⁶

Estudos indicam que a automedicação, usada tanto para a prevenção quanto para o tratamento da COVID-19, estava sendo promovida por diversos segmentos governamentais, valendo-se deste cenário de pandemia. Entretanto, a mídia não forneceu informações completas, relevando o fato de que o uso irracional de drogas em supostos tratamentos relacionados a COVID-19 necessita da aprovação científica internacional para sua indicação e utilização.¹²

Note-se que o medicamento vem a ser um instrumento útil para a saúde, quando utilizado de forma racional e correta, mas pode causar danos à saúde quando utilizado de forma inadequada. A utilização da prescrição como única base de decisão está diretamente relacionada à proteção do paciente / usuário. A prescrição racional de medicamentos envolve etapas que vão além do diagnóstico e da seleção da terapia mais adequada. A fase de informação é muito importante para o paciente entender o que está prescrito.¹⁸

Com o alvoroço na saúde pública, a informação em farmácias e drogarias é um fator que contribui para orientar quanto aos perigos do consumo indiscriminado de medicamentos, independentemente se os empresários visem os fins lucrativos. Os problemas potenciais relacionados à demanda e promoção comercial de medicamentos em tempos pandêmicos devem ser encarados com ética e profissionalismo.¹⁸

Diante desse contexto, vale destacar que a aquisição de um medicamento sem o monitoramento adequado de seu uso pelo setor de saúde pode causar danos irreversíveis ao indivíduo. E para uso seguro, é necessária a indicação terapêutica adequada e cuidados de acompanhamento por um profissional para determinar o benefício terapêutico e a ocorrência de efeitos colaterais.¹⁹

Nesta época de pânico e luto causados pela epidemia COVID-19, o consumo dos ansiolíticos tem aumentado em associação ao fato de que a população brasileira é considerada a mais deprimida da América Latina, segundo a Organização Mundial da Saúde. Indicadores revelam que essa população isolada dentro de casa, teve como tendência o consumo de vários medicamentos, tanto no desejo de prevenir, bem como minimizar as sequelas deixada pelo vírus.²⁰

Nas farmácias, houve um aumento no número de pessoas que procuravam vermífugos e agentes antivirais, entre outras coisas. E ainda, muitos clientes têm procurado coquetéis para aumentar suas defesas imunológicas, o que fez com que as vendas de vitaminas disparassem num aumento extraordinário. Para muitos indivíduos a vitamina parece ser um composto inofensivo, mas algumas destas

vitaminas apresentam interações importantes com outras drogas. Uma pessoa em tratamento para diabetes, hipertensão, problemas renais ou hepáticos podem usar o suplemento vitamínico, desde que o médico o saiba e prescreva. No entanto, a ingestão prolongada de vitamina C pode causar pedras nos rins e problemas gastrointestinais e de bexiga, por exemplo, porque acidifica a urina e, portanto, causando irritação.²⁰

A população em geral, na maioria das vezes, procura uma farmácia antes de buscar um serviço hospitalar, visto ser essa uma instituição de acesso fácil e gratuito, que pode lhe fornecer a orientação necessária e segura sob a forma do farmacêutico. Este tem a obrigação ética de usar sua experiência para fornecer uma orientação correta condizente com a situação e, se necessário, indicar ao cliente a visita a um médico.⁹

Portanto, o papel do farmacêutico, é promover uma automedicação racional e consciente, e alertar para os riscos potenciais, quando necessário.⁹

Durante uma pandemia, fica mais evidente a importância do farmacêutico no atendimento aos pacientes, pois é o especialista treinado que pode fornecer as informações necessárias para o uso correto dos medicamentos, mostrando confiança e segurança em suas orientações.²¹

A atenção farmacêutica é, portanto, um serviço importante e necessário, principalmente neste cenário pandêmico, para o auxílio e orientação da população em geral, essencialmente daquela parcela que não tem acesso fácil aos serviços hospitalares e pratica a automedicação.

Deontologia diante da Pandemia da COVID-19

A relevância para os desafios do diagnóstico em encontrar a identificação de pessoas infectadas com o novo vírus no auge da pandemia merece prioridade no mundo científico e social, visto que a COVID-19 se espalhou rapidamente para diferentes partes do mundo, indicando uma alta taxa de infecção e com variantes muito mais perigosas para infecções. Essa é uma doença que se disseminou amplamente na população por meio de, entre outras coisas, gotículas de saliva, espirros, tosse ou catarro e até mesmo contato ou aperto de mão. Consequentemente, diagnosticar COVID-19 é um desafio em todo o mundo, e a detecção precoce do vírus é importante para controlar a pandemia e prevenir novos casos.²²

Devido ao contágio de grande parte da população com o novo coronavírus (SARS-CoV-2), surgiram vários aspectos que representavam uma grave emergência sanitária internacional, e segundo o Regulamento Sanitário Internacional (RSI) os países devem estar atentos as orientações da OMS e se prepararem para a possibilidade do surgimento de uma pandemia. No momento específico da pandemia do COVID-19, devido ser um evento que tem impactado toda saúde pública, ao ser detectado o contágio deve haver uma notificação imediata.²³

Essa crise inevitavelmente instigou muitos profissionais da saúde a escolher ações que nem sempre estavam de acordo com seus preceitos profissionais. Quanto ao compromisso do farmacêutico com a conduta ética nos negócios e na responsabilidade social corporativa, os desafios se tornaram iminentes, especialmente em relação a sua postura diante da onda de sugestão de medicamentos sem comprovação científica, que tem sido usado de forma exacerbada pela população, infectada ou não, tanto na prevenção como tratamento

no caso do novo coronavírus. Percebe-se que, durante a pandemia, muitas empresas não só estão se defendendo de práticas antiéticas de negócios, mas também atuam de forma proativa no auxílio emergencial no combate ao vírus, com interesses espúrios.²⁴

A pandemia Covid-19, como um fator situacional e contextual sem precedentes, tem um impacto significativo na compreensão da tomada de decisão ética dos consumidores durante a pandemia, bem como no potencial pós-pandêmico de longo prazo. Durante a pandemia, inúmeros consumidores estão presos em suas casas e vivenciando outras medidas de distanciamento social, o que pode favorecer tomada de decisões irracionais, conforme evidenciado pelos suprimentos globais de alimentos, medicamentos diversos, produtos de higiene e tantos outros.²⁵

Com isso em mente, está claro que a pandemia do novo coronavírus está tendo um impacto significativo no processo de tomada de decisão dos consumidores. A pandemia provavelmente continuará em todo o mundo por um período significativo de tempo e seus efeitos provavelmente continuarão após a pandemia. Portanto, os profissionais em saúde podem desenvolver estratégias para alcançar os consumidores e clientes, e incentivarem o desenvolvimento de novos hábitos. Assim, cabe ao farmacêutico zelar pela educação continuada e zelosa, com o máximo de rigor do uso racional de medicamentos.²⁶

Os Riscos da automedicação em tempos de covid-19

A automedicação tem sido observada com preocupação em tempos pandêmicos, especialmente quando é constatado o diagnóstico positivo para COVID-19. Em pesquisa com pessoas com COVID-19 verificou-se que dentre os 118 entrevistados, 31,1% consumiam medicamentos utilizados para tratar ou prevenir o novo coronavírus, embora não haja evidências científicas da eficácia dos mesmos.¹²

Sabe-se que o uso de medicamentos de venda livre pode prejudicar o paciente e aumentar o risco de resistência aos antibióticos, como a azitromicina. Curiosamente, a desinformação, a negação da ciência e, conseqüentemente, o uso irracional de certas drogas e o desprezo pelo isolamento social, quando este é possível, também são dificuldades comuns que estão retardando a luta contra o novo coronavírus. A negação da ciência talvez seja um dos principais fatores que levam as pessoas a se automedicarem e, portanto, colocarem em risco a própria saúde no cenário pandêmico, pois cria uma falsa sensação de proteção contra a COVID-19 que está associada à descrença científica.¹²

Dados preliminares de estudos *in vitro* identificaram atividades antivirais de cloroquina e hidroxicloroquina associadas a antibióticos macrolídeos, como azitromicina, e estes foram recomendados como terapia medicamentosa para SARS-CoV-2 em alguns países. Embora essas drogas sejam indicadas para outras doenças, seu uso nesta pandemia é experimental, e o uso compassivo também pode representar riscos à saúde devido ao risco potencial de efeitos colaterais, particularmente o risco de cardiotoxicidade.¹³

As reações adversas a medicamentos (RAMs) são consideradas um grave problema de saúde pública e contribuem para o aumento da morbimortalidade, bem como do aumento dos custos para os pacientes e sistemas de saúde. As RAMs podem prolongar a permanência do paciente no hospital e tornar ainda mais difícil encontrar leitos para pacientes recém-infectados. Como as informações sobre a segurança dos medicamentos utilizados no tratamento da COVID-19 são limitadas,

os profissionais devem estar atentos aos efeitos adversos e suas consequências nessas pessoas que se automedicam.¹³

Estudos mostram que, apesar dos extraordinários esforços da comunidade científica ao redor do mundo, o desenvolvimento de novos medicamentos é um processo complexo e demorado. Há um longo caminho até o reposicionamento de medicamentos para COVID-19, mas nenhum novo tratamento específico foi aprovado. Depois de meses de testes e polêmica, tornou-se evidente que a chance de encontrar um antiviral específico e aprovado pela comunidade científica é baixa ou nula. Medicamentos como a dexametasona podem ser muito úteis sozinhos ou em combinação com outros excipientes para minimizar os efeitos característicos da infecção. No entanto, o tratamento da doença exige protagonismo e uma das principais apostas é o desenvolvimento de antivirais contra as proteínas-alvo Sars-CoV-2, todavia tudo ainda são promessas futuras.²⁸

A pandemia do coronavírus parece ter acentuado um hábito comum e cultural no Brasil: o uso indiscriminado de medicamentos. Segundo a pesquisa, os medicamentos que aumentam as vendas incluem hidroxicloroquina, paracetamol, dipirona sódica, colecalciferol (vitamina D) e ácido ascórbico (vitamina C). É importante sublinhar que, cientificamente, nada está aprovado sobre os medicamentos para combater a Covid-19. Houve vários estudos, mas não há nenhuma substância reconhecida que possa prevenir o vírus, exceto uma vacina. Assim, nesse momento de incertezas, a população tem buscado alternativas para enfrentar a pandemia e muitas pessoas acabam recorrendo inadvertidamente ao uso indiscriminado de drogas.²⁸

Os riscos de disseminar a ideia do tratamento precoce incluem o incentivo à automedicação e ao uso de drogas sem supervisão médica, o que pode causar efeitos colaterais graves e até mesmo ser fatal para os pacientes, além de poder levar ao mascaramento dos sintomas ou diagnósticos errôneos.^{29,30}

Por fim, no Brasil, a pandemia do COVID-19 infelizmente despertou um sentimento político, influenciou as alternativas terapêuticas que deveriam ser baseadas na comprovação científica, dando espaço à desinformação e opiniões baseadas em “achismo”. Apesar dessa divergência nos tratamentos propostos e da falta de evidências científicas de sua eficácia, há um número crescente de relatos de que pacientes que receberam os medicamentos para COVID-19 pregoados por essas vertentes sofreram eventos adversos nocivos à saúde, em alguns casos com riscos de morte.^{29,30}

Percebe-se que a mobilização em torno do vírus precisa passar também pela política, pela economia, pela saúde mental, pelas políticas editoriais, pelas questões minoritárias e por diversos outros âmbitos da sociedade atual.³¹

Considerações finais

Tendo como objetivo identificar os riscos da automedicação durante à pandemia do COVID-19, e também analisar a atuação do profissional farmacêutico em casos de automedicação em tempos pandêmicos, a presente pesquisa identificou que a pandemia COVID-19 oportunizou a toda a sociedade um clima de medo da possibilidade de contágio, incertezas quanto ao tratamento e, acima de tudo, o desespero devido o desconhecimento da dinâmica da infecção do vírus e assim, a possibilidade iminente de morte.

Percebeu-se que a pandemia teve um grande impacto social em toda a população mundial. As incertezas científicas quanto à eficácia de inúmeros medicamentos sugeridos como preventivos à COVID-19, tornou os debates e as

opiniões de cientistas e políticos muito calorosos e nem sempre com a devida resposta que toda sociedade aguardava, ou seja, sobre a real ou não eficácia dos medicamentos “badalados” por diversos grupos e com os mais pluralizados interesses.

Os achados dessa revisão demonstraram que a crise instalada pelo novo coronavírus levou a debates e conflitos entre prevenção e promoção da saúde dentre os órgãos responsáveis em saúde e governos estaduais, municipais e federal. Além disso, os profissionais da saúde tiveram grandes dificuldades de lidar com a escolha das ações terapêuticas que nem sempre estavam de acordo com seus preceitos profissionais.

Em tempos de pandemia o farmacêutico foi constantemente desafiado quanto a sua conduta ética, especialmente em relação a sua postura diante da onda de sugestão de medicamentos. Conclui-se que o papel do farmacêutico em promover uma automedicação racional e consciente, alertando quanto aos riscos potenciais da automedicação, constituiu um dos grandes desafios no recente cenário pandêmico.

Referências

1. AQUINO, E.M.L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, suppl 1, p. 2423-2446, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>>. Epub 05 Jun 2020. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acesso em 19 jan 2022.

2. VOMMARO, P. O mundo em tempos de pandemia: certezas, dilemas e perspectivas. **Revista Direito e Práxis**, v. 12, n. 2, p. 1095-1115, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/51001>. ISSN 2179-8966. Acesso em 16 jan 2022.

3. MELO, J. R. R. et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 37, n. 4, e00053221, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00053221>. Epub 07 Abr 2021. ISSN 1678-4464. Acesso em 07 abr 2021.

4. NAVES, J.O.S.; CASTRO, L.L.C.; CARVALHO, C.M.S.; MERCHÁN-HAMANN, E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 15, suppl 1, p. 1751-1762, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>. Epub 08 Jul 2010. ISSN 1678-4561. Acesso em 27 mar 2022.

5. SILVA, B.T.F.; BARROS, M.L.C.M.G.R.; AQUINO, D.S; VIEIRA, A.C.Q.M. O papel do farmacêutico no controle da automedicação em idosos, **Boletim Informativo Geum**, v8, n.3, p.18-31, jul./set., 2017. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/geum/article/view/5934/4258>. Acesso em 08 fev 2022.

6. OLIVEIRA, S. B. V. de; BARROSO, S. C. C.; BICALHO, M. A. C.; REIS, A. M. M. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein** (São Paulo), São Paulo, v. 16, n. 4, eAO4372, nov.

2018. Disponível em https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2018AO4372. Acesso em 02 abr 2022.

7. SOARES, L. et al.(org) **Atuação clínica do farmacêutico**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187553/5%20-%20Atua%C3%A7%C3%A3o%20cl%C3%ADnica%20do%20farmac%C3%AAutico%20e-book.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 14 mar 2022.

8. SILVA, J.C.; QUINTILIO, M.S.V. Automedicação e o Uso Indiscriminado dos Medicamentos: o Papel do Farmacêutico na Prevenção. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 685–92, 2021. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/329>. Acesso em: 04 abr 2022.

9 ABRAHAO, R. C.; GODOY, J. A.; HALPERN, R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. **Aletheia**, Canoas, n. 41, p. 134-153, ago. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000200011&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 11 fev 2022.

10 Pereira JR et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, 2010. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januarra_ramos_trabalho_completo.pdf . Acesso em 28 mai 2022.

11. LANA, R. M. et al. Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, e00019620, Fev. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/999/emergencia-do-novo-coronavirus-sars-cov-2-e-o-papel-de-uma-vigilancia-nacional-em-saude-oportuna-e-efetiva> . Acesso em 13 mai 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00019620> .

12 OLIVEIRA, J. V. L. et al. A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e58610313762, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.13762. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13762> . Acesso em: 13 mar 2021.

13 ASKIN, L.; TANRIVERDI, O.; ASKIN, H. S. O Efeito da Doença de Coronavírus 2019 nas Doenças Cardiovasculares. **Arq. Bras. Cardiol.**, v. 114, n. 5, p. 817-822, maio. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36660/abc.20200273> . Epub 01 Jun 2020. ISSN 1678-4170. <https://doi.org/10.36660/abc.20200273> . Acesso em 25 mar 2022.

14. FERRARI, F. COVID-19: Dados Atualizados e sua Relação Com o Sistema Cardiovascular. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia** [online], v. 114, n. 5, p. 823-826, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36660/abc.20200215> . Epub 11 Maio 2020. ISSN 1678-4170. Acesso em 06 fev 2022.

15. SECOLI, S. R. et al. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia** [online], v. 21, n. Suppl 02, e180007, 2018,. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180007.supl.2> . Epub 04 Fev 2019. ISSN 1980-5497. Acesso em 26 mai 2022.
16. GUSMÃO, E. C. et al. Automedicação em idosos e fatores associados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 2, p. e191, 29 dez. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.25248/reas.e191.2019> Acesso em 10 abr 2022.
- 17 AMB - Associação Médica Brasileira diz que uso de cloroquina e outros remédios sem eficácia contra Covid-19 deve ser banido, 2020. Disponível em: <https://amb.org.br/noticias/associacao-medica-brasileira-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contra-covid-19-deve-ser-banido/> Acesso em 10 fev 2022.
18. ANGONESI, D.; RENNÓ, M. U. P. Dispensação farmacêutica: proposta de um modelo para a prática. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 16, n. 9, p. 3883-3891, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001000024> . Epub 15 Maio 2012. ISSN 1678-4561. Acesso em 17 fev 2022.
- 19 ROCHA, A. L. R. da. Uso racional de medicamentos. 2014. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Instituto de Tecnologia em Fármacos/Farmanguinhos, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/11634/1/25.pdf> Acesso em 23 fev 2022.
20. CFF- Conselho Federal de Farmácia. Registro foi postado em Geral e mercado automedicação, Conselho Federal de Farmácia, educação, Educação à Distância, EEP, Escola de Educação Permanente, Farmácia, HC, HCFMUSP, medicamento, remédio. 2020. Disponível em: <https://eephcfmusp.org.br/portal/online/automedicacao-riscos-saude-covid19/> Acesso em 25 mar 2022.
21. RUBERT, C.; DEUSCHLE, R. A. N.; DEUSCHLE, V. CECILIA K. N. Assistência Farmacêutica durante a Pandemia da COVID-19: Revisão da Literatura. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 8, n. 1, p. 255-268, 26 fev. 2021. Disponível em <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/revint/article/view/316> Acesso em 02 abr 2022. DOI: <https://doi.org/10.33053/revint.v8i1.316>
22. NETO, B.P. et al. Estratégia de responsabilidade social no período de pandemia: vantagem competitiva nas empresas do setor farmacêutico da cidade de Cantagalo/PR. Conbrepro, 2021. Anais... Disponível em: https://aprepro.org.br/conbrepro/2020/anais/arquivos/10102020_191056_5f823cb049a6f.pdf Acesso em 20 abr 2022.
23. RAFFAGNATO, C.G Resposta brasileira aos eventos pandêmicos do século XXI: uma análise dos casos da H1N1 e da COVID-19. 2022. Disponível em:

<https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/10179/1/MO%206535%20-%20CAROLINA%20GOMES%20RAFFAGNATO.pdf>
Acesso em 25 abr 2022.

24. CFF – Conselho Federal de Farmácia. Grupo irá formular estratégias de fomento da indústria farmacêutica no país. 2020. Disponível em:
<https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5912&titulo=Grupo+ir%C3%A1+formular+estrat%C3%A9gias+de+fomento+da+ind%C3%BAstria+farmac%C3%AAutica+no+pa%C3%ADs> Acesso em 03 de Julho de 2021.

25. MUNHOZ, J.V. As mudanças no comportamento do consumidor durante e pós-coronavírus, 2020. Disponível em:
<https://www.paripassu.com.br/blog/comportamento-consumidor-coronavirus/> Acesso em 01 dez 2021.

26. NOAL, D. da S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. de (org.). Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. 342 p. Disponível em
<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44264> Acesso em 06 mai 2022.

27. LEONARDO L. G, F.; ANDRICOPULO, A. D. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 34, n. 100, p. 7-27, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.34100.002. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/178740>. Acesso em: 22 jun. 2022.

28. FÁVERO, N. Os perigos da automedicação em tempos de pandemia. CTCAN, 2020. Disponível em: <https://ctcan.com.br/os-perigos-da-automedicacao-em-tempos-de-pandemia/> Acesso em 20 out 2021.

29. Rocha C. Remédios ineficazes do kit covid: o que a ciência diz de cada um. *Jornal Nexo*, 2021. Disponível em
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/14/Rem%C3%A9dios-ineficazes-do-kit-covid-o-que-a-ci%C3%AAncia-diz-de-cada-um> Acesso em 08 jan 2022.

30. CORRÊA, M. C. D. V.; VILARINHO, L.; BARROSO, W. B. G. Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina / hidroxicloroquina contra a Covid-19: “no magic bullet”. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online], v. 30, n. 02, e300217, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300217>>. Epub 25 Set 2020. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300217>. Acesso em 17 mar 2022.

31. BICALHO, P. P.; LIMA, C. H. de; DAVI, J. da S. Da crise à pandemia: da letalidade como política às políticas editoriais de resistência. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 3-7, abr. 2020. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000100001&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 24 mai 2022.
<http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2020v72i2p.3-7> .